

# UMA RECUPERAÇÃO AINDA INCOMPLETA

*Sinais de recuperação ainda são sinalizam tendência ampla de retomada*

Robson Gonçalves, Roberto Aragão e Alípio Cantisani

EM todo o mundo, a construção civil responde por parcela relevante da atividade econômica, tanto na geração de renda quanto de emprego. Na União Europeia, o setor emprega cerca de 12 milhões de pessoas e responde por mais da metade de todo o investimento produtivo. Nos Estados Unidos, o emprego na construção passa de 5,5 milhões e a participação no investimento supera os 42%. São números que deixam clara a importância econômica da construção.

No entanto, ao contrário do que ocorreu em diversos países emergentes como o Brasil, nos países mais ricos o setor ainda não se recuperou dos graves efeitos da crise iniciada em 2008. Sobretudo na Europa e, de forma ainda mais grave, nos países que passaram por grandes surtos imobiliários, a queda no emprego na construção impressiona e persiste. Em paralelo, o contraste com o cenário brasileiro contribui para uma melhor compreensão da atual dinâmica da construção no país.

## Emprego

Em 2007, antes do estopim da crise internacional, a construção empregava 26,3 milhões de pessoas no conjunto das economias dos EUA, União Europeia e Japão. Nos dois anos anteriores, haviam sido criados mais de meio milhão de postos de trabalho. Apesar dos sinais de fadiga que já eram notados nos EUA e no Japão, o emprego no setor na União Europeia crescia em média 3% ao ano. Na Irlanda e na Espanha, essa taxa chegava a 5,4% e 4,9%, respectivamente.

Como o impacto da crise, a retração foi imediata. Entre 2007 e 2009, 3,7 milhões de tra-

## Nível de emprego na construção em países selecionados

2007-2012 – mil pessoas – final de período

	2007	2008	2009	2010	2011	2012*
<b>Austrália</b>	854	892	915	989	940	1.043
<b>EUA</b>	7.533	7.685	7.490	6.705	5.654	5.477
<b>Japão</b>	4.870	4.790	4.730	4.620	4.460	4.330
<b>União Europeia</b>	14.088	13.506	12.762	12.348	12.021	11.582
<b>Alemanha</b>	2.489	2.532	2.581	2.639	2.641	2.688
<b>Espanha</b>	2.685	2.173	1.796	1.567	1.271	1.032
<b>França</b>	1.798	1.924	1.851	1.925	1.867	1.839
<b>Irlanda</b>	276	212	135	108	106	100
<b>Itália</b>	1.951	1.998	1.979	1.899	1.751	1.661
<b>Reino Unido</b>	2.353	2.584	2.255	2.175	2.113	2.076
<b>Brasil</b>	1.890	2.244	2.510	2.963	3.174	3.390
<b>Chile</b>	477	495	523	535	531	609
<b>México</b>	689	643	602	651	673	697
<b>Polônia</b>	1.140	1.263	1.267	1.302	1.345	1.289

Fontes: Austrália: Australian Bureau of Statistics. EUA: Department of Labor; Europa: Eurostat; Chile: Banco Central de Chile e INE – Instituto Nacional de Estadísticas. Japão: Statistics Bureau of Japan. México: INEG – Instituto Nacional de Estadísticas y Geografía. Brasil: Construdata.

\* Estimativa FGV-Ibre.

balhadores da construção foram demitidos naqueles três grandes mercados, fazendo o nível de emprego recuar 13% em apenas dois anos. Como seria esperado, as quedas mais expressivas aconteceram na Espanha (33%) e na Irlanda (51%). Na economia americana, os números também impressionam por conta da dimensão absoluta. No mesmo período, o recuo do emprego na construção foi de 24,5%, o que resultou no fechamento de mais de 1,8 milhão de vagas no setor. No Japão, foram eliminados mais de 270 mil postos, o equivalente a 5,7% do nível de emprego setorial de 2007.

Desde 2009, a construção não está conseguindo se recuperar na maioria dos países desenvolvidos. Dada a importância do setor no investimento total, esse atraso tem contribuído diretamente para prolongar a conjuntura de baixo crescimento, especialmente na Europa e no Japão.

Sempre considerando as três grandes economias globais, estima-se que o emprego na construção chegará a 21,5 milhões de postos de trabalho em 2012. Na comparação com 2007, são 4,7 milhões de empregos a menos, ou seja, um nível de emprego 18% menor. Mas, nos últimos dois anos, já

é possível identificar sinais de que o pior já passou em alguns desses países. Nos EUA, o nível de emprego do setor parou de cair desde 2010. No Japão, estima-se que serão criadas mais de 100 mil novas vagas em 2012. Já nas principais economias da União Europeia, o emprego na construção segue em queda, à exceção da Alemanha.

Como regra, em todos os casos em que a construção registrou queda no nível de emprego, a retração setorial superou a média da economia em termos percentuais. Nos casos mais dramáticos da Espanha e da Irlanda, o emprego global caiu 7,2% e 8,9%, respectivamente, entre 2007 e 2009. Na construção, o emprego caiu à meta-de na Espanha e a dois terços na Irlanda.

Esses números sugerem uma reflexão relevante para compreender o atual momento da construção no Brasil. No caso da Espanha, o surto imobiliário havia provocado um superdimensionamento da construção na atividade econômica. Em 2007, o consumo de cimento per capita no país passou de 1.200 kg por habitante, enquanto a média europeia era de cerca de 540 kg. No Brasil, hoje, estima-se que esse consumo é da ordem de 271 kg por habitante.

O gigantismo da construção na Espanha e na Irlanda antes da crise também pode ser avaliado pela participação do setor no PIB, que superou os 10% no caso espanhol em 2008 e era cerca de 6% no caso da Irlanda. Naquele mesmo ano, a média europeia era de 4,5%, número próximo ao observado no Brasil (4,2%) e nos EUA (4,3%).

## México e Chile

Outros dois casos de interesse são o México e o Chile. O desempenho do investimento no México desde o início da crise de 2008 tem sido peculiar. Entre 2007 e 2009, a formação bruta de capital teve queda real de 11,8%, sendo mais intensa no segmento de máquinas e equipamentos (19,7%) do que na construção (6,3%). A partir de meados de 2009, o investimento entrou em trajetória de recuperação, mas dinâmica se inverteu. Entre 2009 e 2011, a produção de máquinas e equipamentos avançou 35,9% em termos acumulados, enquanto a construção cresceu apenas 3,7%. No conjunto, a formação de capital

## Principais indicadores da construção

México, Chile e Brasil – 2012\*

	México	Chile	Brasil
<b>Crescimento do PIB total**</b>	3,8%	4,9%	1,6%
<b>Participação no PIB total</b>	6,6%	7,7%	4,9%
<b>Crescimento do PIB setorial</b>	3,5%	9,0%	4,0%
<b>Taxa de investimento a preços correntes</b>	18,5%	19,7%	18,0%
<b>Participação no Investimento total</b>	55,6%	54,4%	43,3%
<b>Nível de emprego</b>	697 mil	609 mil	3.390 mil
<b>Crescimento do emprego</b>	3,5%	2,8%	6,5%
<b>Consumo aparente de cimento por habitante***</b>	321 kg	243 kg	271 kg

\* Estimativas FGV-Ibre.

\*\* Estimativas do FMI, *World Economic Outlook*, outubro de 2012.

\*\*\* Referente ao ano de 2009. Fonte: Federación Interamericana del Cemento.

## ***A construção não está conseguindo se recuperar na maioria dos países desenvolvidos. Dada a importância do setor, esse atraso tem contribuído diretamente para prolongar a conjuntura de baixo crescimento***

teve alta de 15,7% nesse último período.

Outro contraste marcante se refere aos segmentos da própria construção. Entre 2007 e 2009, no auge da crise, a maior contração ocorreu no segmento imobiliário, cujo PIB caiu 14,3% em termos reais, enquanto a construção pesada continuou crescendo em média 8% ao ano. Na fase de recuperação, entre 2009 e 2011, o imobiliário acumulou crescimento de 3,3%, enquanto a construção pesada avançava 5,7%. Em boa medida, o mau desempenho do PIB do segmento imobiliário nos piores anos da crise se deveu à queda real de preços das moradias. Em 2009, segundo dados da Sociedade Hipotecária Federal, os preços dos imóveis novos tiveram valorização nominal de 3,6%. Descontada a inflação, porém, a queda real foi da ordem de 2%, um quadro bem diferente do

observado no Brasil no mesmo período.

No primeiro semestre de 2012, o investimento acelerou, mas o segmento construtivo continua tendo desempenho abaixo da média. Enquanto a formação de capital como um todo teve crescimento de 7,5%, a produção de maquinário avançou 9,9% e a construção, 5,7%. O nível de emprego no setor construtivo deve ter alta de 3,5% neste ano.

O montante de recursos liberados para o crédito habitacional em 2011 era 17% menor do que em 2008, já descontada a inflação.

No Chile, graças aos investimentos em infraestrutura, o nível de emprego na construção teve apenas uma pequena queda entre 2008 e 2009. Deste último ano até 2011, o emprego avançou rapidamente, chegando a acumular alta de mais de 19%. Segundo dados Sociedade de Fomento Fabril, dos US\$ 35,6 bilhões de projetos de investimento em execução, US\$ 17,5 bilhões se referem à mineração e US\$ 3,7 ao segmento de energia.

No entanto, o bom momento da construção no Chile não se estende ao segmento imobiliário. Ainda segundo a Câmara Chilena da Construção, as autorizações para a construção de moradia caíram 7% no primeiro semestre de 2012 na comparação com igual período de 2011 e permanecem abaixo do observado em 2008. Considerando o segmento habitacional, a queda registrada no primeiro semestre foi de 12% em termos de área edificada e de 21,2% em termos do número de unidades.